

1858



ANA MIRANDA

www.anamirandaliteratura.hpgvip.com.br

Candangos da construção

“ERA RARO, MAS ACONTECIA DE ALGUM CANDANGO NAMORAR, E UNS CASAIS PASSAVAM DE MÃOS DADAS, OUTROS IAM SE BEIJAR NUM TAPUME”

Eu os via todos os dias, eles estavam sempre nas paisagens de minha infância, erguendo paredes, em cima de andaimes, dirigindo tratores, cavando, serrando, martelando, em fila para receber o pagamento, festejando as cumeiras... Lembro de seus chapéus de jornal que me pareciam barcos, de suas chinélas de couro ou seus pés descalços, suas calças brancas e largas, presas com cinto... Via camisas cobertas de poeira vermelha e pensava em como uma camada tão grossa de poeira conseguia se firmar no tecido, acho que era por causa do suor. Lembro vagamente de alguns rostos, algumas rugas, olhos, mãos... Cigarro na boca... Passavam caminhões lotados de candangos, despejados nas portas das construções. Vivíamos entre os operários. Passeávamos nos tratores, subíamos na boléia de caminhões, jogávamos dominó com eles. Bastava um caminhão parar e a criançaada escalar a carroceria até o alto

das areias que seriam derramadas no chão.

Meu pai era engenheiro e às vezes desabafava suas reclamações, mas se entendia com os candangos, eles eram figuras queridas em nossa casa e papai admirava o entusiasmo deles, a fé, querendo sempre vencer o desafio quase desumano de construir uma cidade em tão pouco tempo. Eles eram sonhadores e se sentiam heróis. Nesse ponto, engenheiros e operários eram iguais. Mas morávamos numa boa casa, comíamos razoavelmente bem e a família estava reunida. Eles dormiam amontoados e apertados em barracões de madeira, comiam na cantina da obra ou no restaurante popular, muitas vezes uma comida ruim e suja. Uns esquentavam o almoço numa lata em cima de uma fogueirinha. A maioria das famílias dos candangos estava nas cidades de origem e, quando se mudavam para Brasília, iam morar em barracos distantes, sem água ou luz.

Veiz quando vinha um operário bater palmas na nossa varanda, querendo conversar com nos-

so pai, pedir ajuda, passagem para a família, ou relatar algum caso de doença, insatisfação, briga, injustiça, raiva do mestre. A caminho da escola, nosso pai costumava parar o jipe e conversava com um de seus operários, às vezes numa atmosfera tensa, de problemas, às vezes de alegria e brincadeira.

Era raro, mas acontecia de algum candango namorar, e uns casais passavam de mãos dadas, outros iam se beijar num tapume. Hoje sei que eles não tinham tempo para namorar, a jornada de trabalho era noite adentro, faziam viradas de dois, três dias, e nos momentos de descanso os candangos quase desmaiavam de cansaço.

Uns deixavam de ser candangos e iam para o pequeno comércio ou serviços, como barbeiro, jardineiro, porteiro... Um antigo mest-re-de-obra conseguiu comprar um caminhão para comerciar trabalhadores. Ele passava numa construtora, perguntava de quantos

operários estavam precisando e ia para a Cidade Livre esperar a chegada dos paus-de-arara para arregimentar homens. Quando precisavam de muitos, ele ia para o interior do Ceará e enchia de lavradores o caminhão, com uma promessa ilusória qualquer. Se havia excesso de mão-de-obra, as fronteiras da cidade eram “fechadas” e a polícia mandava de volta os viajantes. Todos eles tinham de ir à delegacia para conseguir uma ficha de identificação sem a qual não podiam trabalhar. Aprendiam num instante um novo ofício.

Às vezes eu ouvia sua cantoria, eram uns repenistas que tocavam alguma viola perdida e tentavam não esquecer suas origens. E ouvi seus gritos, no dia da inauguração de Brasília, quando correram na Praça dos Três Poderes jogando os chapéus para o alto. Mas a voz do operário que construiu Brasília, sua fala, suas impressões vêm com os ventos do passado, seu rosto se desvela aos poucos, sua história e a de seus sofrimentos passo a passo vem sendo reconstruída.



Out. 2008/Ep. CBDA. Prens

MÚSICA

O Brasil 40 graus de Rogê

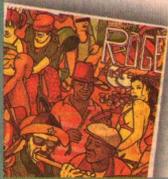
ROSIVALDO RODRIGUES
DA EQUIPE DO CORREIO

O cantor e compositor Rogê é figura conhecida nas praias e palcos do Rio de Janeiro. Em 1998, lançou o primeiro CD, *Rogê é Bandaveira*. Três anos depois, comandou o Projeto Rio de Verdade, todas as quintas-feiras na Marina da Glória, em que recebia convidados como João Bosco, Arlindo Cruz, Toni Garrido, Marcelo D2, Beth Carvalho e Sandra de Sá, entre outros. A época, lançou o primeiro disco solo, *Rogê*. Depois de um hiato de cinco anos, ele volta ao ataque com *Brasil em brasa*, com o qual espera romper as fronteiras estaduais e ganhar o país.

Rogê é carioca típico. No sotaque, na descontração e na música que faz, uma mistura em que o samba entra como ingrediente principal, mas que não se prende a gênero. "Minha formação é a MPB e nosso país é enorme, tem uma grande quantidade de ritmos. Então por que não dizer o que quero de diversas maneiras?", questiona o músico que incluiu, em *Brasil em brasa*, parcerias com Arlindo Cruz, Seu Jorge e Mombaça, entre outros.

O disco conta também com participações de Luiz Melodia e do ator Paulo César Peróio em *Numa cidade muito longe daqui* (Arlindo Cruz, Acyr Marques e Franco), na qual se alternam canto e fala. "Arlindo fez essa música por causa do filho, que gosta de rap. Foi um dia à casa dele e ele me apresentou com um rap. Mas eu disse: 'Não, isso

Rogê/Reprodução



BRASIL EM BRASA

Segundo disco solo do cantor e compositor carioca Rogê. 11 faixas, produzidas por Rogê e Chico Neves. Independente. Preço médio: R\$ 25.

é um filme, cara!", conta Rogê. A narração cinematográfica foi o que o levou a chamar Peróio, freqüente narrador de documentários, para participar da faixa, que fala do confronto entre um bandido e um subtenente. Melodia entra no "filme" no papel de bandido.

Numa cidade... é uma das duas únicas músicas do disco que não levam assinatura de Rogê. A outra é *Construção*, de Chico Buarque, que ganhou versão em ritmo de reggae. "Ouvir *Construção* a vida inteira e sempre quis fazer alguma coisa com ela. Acho extraordinária, assim como toda a obra do Chico Buarque, que me influenciou muito. Mas tinha que ser algo diferente, porque o original é incomparável. Por isso, fiquei

feliz quando surgiu a chance de incluí-la no disco", diz.

Brasil em brasa recebeu cuidado especial. Do trabalho gráfico de capa, com ilustrações de Mateus Velasco, Rafael Dória e Duda Simões, à produção feita a quatro mãos por Rogê e Chico Neves (produtor de Lenine, Skank). O disco ganhou também um trabalho de divulgação organizado. Tudo o que Rogê não queria era repetir o que aconteceu com o primeiro disco solo, uma produção independente. "Tivemos uma divulgação ruim, problemas de distribuição e o disco acabou vendendo somente 4 mil cópias. É muito chato ficar restrito a curiosos e fãs", reclama. Por isso mesmo, a demora de cinco anos entre um e outro CD.

Brasil em brasa também é independente, mas tem distribuição da Microservice. Agora, o plano de Rogê é ganhar o Brasil. E, se depender dele, um novo disco sairá logo. "Tenho repertório pronto e não quero que se repita esse hiato", afirma o artista, formado em música popular pela Faculdade de Música da UNIRio e que leva o diploma ao pé da letra. Compor, para ele, é atividade cotidiana. "Compor é prática, tem que ter a mão. E se não praticar, acaba enferrujando", ensina. O escritório, próximo à casa, é o que ele chama de "open house". "Alguém chega e vai rolando". Alguém são os amigos, "chegados", como Seu Jorge, Gabriel Moura, Arlindo Cruz e Baía, todos eles presentes em *Brasil em brasa*.

Duda Guima/Divulgação



CONHECIDO NO MEIO MUSICAL DO RIO DE JANEIRO, ROGÊ QUER GANHAR O RESTO DO PAÍS COM *BRASIL EM BRASA*

CRÍTICA/☆☆☆

Samba sem amarras

O samba aparece em primeiro plano em Brasil em brasa. Mas Rogê não é sambista. É um compositor que sabe como trabalhar as muitas influências que desglam na atual música brasileira — campo onde convivem harmoniosamente novas e velhas referências e cada vez mais impermeável a classificações. Assim, ele faz de seu segundo disco solo uma colcha de retalhos costurada pelo samba, mas com liberdade para trilhar diferentes direções. O samba soa puro em Brasil em brasa (Rogê, Arlindo Cruz, Gabriel Moura e Jovi Jovianiano) e Suingue de samba (Rogê e Arlindo Cruz),

mas pode virar samba-funk em Cuidar de mim (Rogê, Gabriel Moura e Seu Jorge) ou, sem cerimônia, abrir espaço para a intimista Estrela do céu (Rogê e Gabriel Moura), delicadamente embalada pelo cello de Jacques Morelenbaum e pelo piano de Daniel Jobim.

É com a mesma liberdade que ele faz uma bela recriação de Construção, na qual, sobre a batida repetitiva própria do reggae, aparecem sutis interferências de cuica, teclado e baixo. Ao mesmo tempo que apresenta uma leitura pessoal, mantém a estrutura do clássico de Chico Buarque, sublinhando sua atua-

lidade. E igualmente brilhante é a forma como constrói Numa cidade muito longe daqui, autêntico samba assinado por um respeitável representante do gênero, Arlindo Cruz, mas entremeado por narrativas e diálogos, com a voz de Paulo César Peróio criando uma dramaticidade tão emocionante quanto inusitada.

Brasil em brasa tropeça em faixas que pouco chamam atenção, como De você (Rogê, Luís Carlinhos, Gabriel Moura e Baía) e Pra dançar (Rogê e Gabriel Moura), mas ainda assim é um disco que reflete o calor a que se refere o título. Vibrante e quente. (RR)